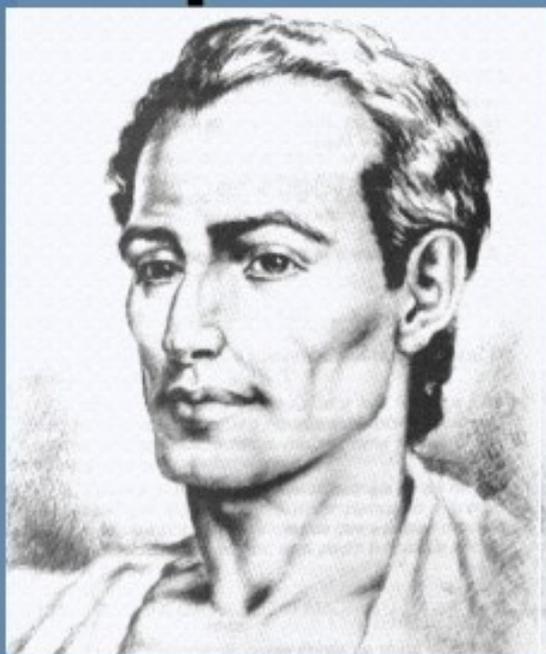


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO LXXVII – Oração no dia dos mortos

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXVII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicada em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXVII)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo LXXVII – Oração no dia dos mortos	O Consolador	04
Complementos		
Ante os que partiram	O Consolador	06
Ação da prece	O Consolador	08
Não é preciso orar pelos mortos no cemitério	O Consolador	10

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXVII)

Oração no dia dos mortos Reunião pública 02 / 11 / 1959 Questão 823

Senhor Jesus!

Enquanto nossos irmãos na Terra se consagram hoje à lembrança dos mortos-vivos que se desenfaixaram da carne, oramos também pelos vivos mortos que ainda se ajustam à teia física...

Pelos que jazem sepultados em palácios silenciosos, fugindo ao trabalho, como quem se cadaveriza, pouco a pouco, para o sepulcro;

Pelos que se enrijeceram gradativamente na autoridade convencional, adornando a própria inutilidade com títulos preciosos, à feição de belos epitáfios inúteis;

Pelos que anestesiaram a consciência no vício, transformando as alegrias desvairadas do mundo em portões escancarados para a longa descida às trevas;

Pelos que enterraram a própria mente nos cofres da sovinice, enclausurando a existência numa cova de ouro;

Pelos que paralisaram a circulação do próprio sangue, nos excessos da mesa;

Pelos que se mumificaram no féretro da preguiça, receando as cruzes redentoras e as calúnias honrosas;

Pelos que se imobilizaram no paraíso doméstico, enquistando-se no egoísmo entorpecente, como desmemoriados, descansando no espaço estreito do esquife... e rogamos-te ainda, Senhor, pelos mortos das penitenciárias que ouviram as sugestões do crime e clamam agora na dor do arrependimento;

Pelos mortos dos hospitais e dos manicômios, que gemem, relegados à solidão, na noite da enfermidade;

Pelos mortos de desânimo, que se renderam, na luta, às punhaladas da ingratidão;

Pelos mortos de desespero, que caíram em suicídio moral, por desertores da renúncia e da paciência;

Pelos mortos de saudade, que lamentam a falta dos seres pelos quais dariam a própria vida; e por esses outros mortos, desconhecidos e pequeninos, que são as crianças entregues à via pública, exterminadas na vala do esquecimento...

Por todos esses nossos irmãos, não ignoramos que choras também como choraste sobre Lázaro morto...

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXVII)

E trazendo igualmente hoje a cada um deles a flor da esperança e o lume da oração, sabemos que o teu amor infinito clarear-nos-á o vale da morte, ensinando-nos o caminho da eterna ressurreição.

Ante os que partiram

Nenhum sofrimento, na Terra, será talvez comparável ao daquele coração que se debruça sobre outro coração regelado e querido que o ataúde transporta para o grande silêncio.

Ver a névoa da morte estampar-se, inexorável, na fisionomia dos que mais amamos, e cerrar-lhes os olhos no adeus indescritível, é como despedaçar a própria alma e prosseguir vivendo.

Digam aqueles que já estreitaram de encontro ao peito um filhinho transfigurado em anjo da agonia; um esposo que se despede, procurando debalde mover os lábios mudos; uma companheira cujas mãos consagradas à ternura pendem extintas; um amigo que tomba desfalecente para não mais se erguer, ou um semblante materno acostumado a abençoar, e que nada mais consegue exprimir senão a dor da extrema separação, através da última lágrima.

Falem aqueles que, um dia, se inclinaram, esmagados de solidão, à frente de um túmulo; os que se rojaram em prece nas cinzas que recobrem a derradeira recordação dos entes inesquecíveis; os que caíram, varados de saudade, carregando no seio o esquife dos próprios sonhos; os que tatearam, gemendo, a lousa imóvel, e os que soluçaram de angústia, no ádito dos próprios pensamentos, perguntando, em vão, pela presença dos que partiram.

Todavia, quando semelhante provação te bata à porta, reprime o desespero e dilui a corrente da mágoa na fonte viva da oração, porque os chamados mortos são apenas ausentes e as gotas de teu pranto lhes fustigam a alma como chuva de fel.

Também eles pensam e lutam, sentem e choram. Atravessam a faixa do sepulcro como quem se desvencilha da noite, mas, na madrugada do novo dia, inquietam-se pelos que ficaram... Ouvem-lhes os gritos e as súplicas, na onda mental que rompe a barreira da grande sombra e tremem cada vez que os laços afetivos da retaguarda se rendem à inconformação ou se voltam para o suicídio.

Lamentam-se quanto aos erros praticados e trabalham, com afinco, na regeneração que lhes diz respeito.

Estimulam-te à prática do bem, partilhando-te as dores e as alegrias.

Rejubilam-se com as tuas vitórias no mundo interior e consolam-te nas horas amargas para que te não percas no frio do desencanto.

Tranquiliza, desse modo, os companheiros que demandam o Além, suportando corajosamente a despedida temporária, e honra-lhes a memória, abraçando com nobreza os deveres que te legaram.

Recorda que, em futuro mais próximo que imaginas, respirarás entre eles, comungando-lhes as necessidades e os problemas, porquanto terminarás também a própria viagem no mar das provas redentoras.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXVII)

E, vencendo para sempre o terror da morte, não nos será lícito esquecer que Jesus, o nosso Divino Mestre e Herói do Túmulo Vazio, nasceu em noite escura, viveu entre os infortúnios da Terra e expirou na cruz, em tarde pardacenta, sobre o monte empedrado, mas ressuscitou aos cânticos da manhã, no fulgor de um jardim.

Elucidações de Emmanuel – Ante os que partiram, O Consolador – Nº 143 – 31/01/2010

Emmanuel, Livro: Religião dos Espíritos, (cap. 58), (Chico Xavier)

Ação da prece

Ensina-nos O Evangelho segundo o Espiritismo que “a prece é uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou por outrem, pelos vivos ou pelos mortos. As preces feitas a Deus escutam-nas os Espíritos incumbidos da execução de suas vontades; as que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus...”.

O texto acima, belíssimo e inspirador, no entanto, ele é ponto de discórdia entre adeptos das diversas religiões professadas pela humanidade. Vejamos a seguinte realidade, que se passa em uma escola de jardim de infância na região central de Brasília. Uma oração feita pelos alunos diariamente, antes do início das aulas, é o principal motivo da discórdia. De um lado está um grupo de pais que pede a exclusão de referências religiosas das atividades escolares. Do outro, os que apoiam o ritual diário e consideram que a direção da escola está sendo perseguida.

Todos os dias antes das aulas os alunos se reúnem no pátio da escola para o momento chamado de acolhida. “Nessa hora, são estimulados a fazer uma ‘oração espontânea’”, como define a diretora Rosimara Albuquerque. “A cada dia, crianças de uma turma ficam responsáveis por fazer os agradecimentos a Deus ou ao Papai do Céu. Pode agradecer pelo parquinho, pelos colegas. Mas houve um questionamento por parte dos pais para que fosse um momento de acolhida um pouco mais amplo já que algumas famílias não comungam dessa religião (a diretora é católica), que seria basicamente cristã”, conta Rosimara, que está à frente da escola há seis anos.

A prática existe há 40 anos desde que a escola foi fundada. Vejamos as opiniões divergentes e favoráveis. Para a radialista Eliane Carvalho, integrante da Associação de Pais e Mestres do colégio, a escola está ultrapassando os limites permitidos pela legislação. Ela e outros pais que protestam contra essas atividades se apoiam no princípio constitucional da laicidade para pedir que práticas de cunho religioso fiquem de fora do ambiente escolar. Além do momento da acolhida, ela conta que notou outros sinais de violação, a partir de informações que o filho de 4 anos levava para casa. “Não posso dizer que existem dentro da sala de aulas práticas religiosas. Mas meu filho não aprendeu em casa a orar em nome de Jesus. Um dia ele me disse que o telefone para falar com Jesus era dobrar o joelho no chão”, relata Eliane.

Do lado oposto, ou seja, os que são favoráveis à prática salutar da prece, um grupo maior de pais organizou um abaixo-assinado a favor da escola e da oração no início das aulas. “A forma como eles, professores e direção, estão atuando não é nada abusiva ou direcionada a uma crença específica. Eles colocam a palavra de Deus, como entidade superior, e agradecem à família. São só coisas boas, frutos bons. Quem está incomodado é uma minoria”, defende Thiago Meirelles, que é católico e pai de um aluno.

Eliane Carvalho (associação de pais) lamenta que a discussão tenha ficado polarizada. “Não é uma discussão pessoal, mas de currículo. O grupo que fez o abaixo-assinado passou a nos ver como perseguidores de cristãos e hoje somos vistos como pessoas absurdas que não querem a palavra de Deus na escola. Todos têm o direito de fazer suas

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXVII)

orações, mas eu questiono o fato de a escola aceitar uma prática que, para mim, se configura em arrebanhar fiéis”, diz.

Na última semana a reza foi substituída por cantigas de roda e outras atividades. “Aí, sim, parecia uma escola, antes parecia uma igreja. Como pai que tem a obrigação de dar uma orientação religiosa à filha, não posso permitir que haja divergência. O mais triste é que, apesar de essas pessoas dizerem que estão pregando o amor e o respeito, elas não têm respeito nenhum pela minha liberdade de que não haja essa interferência religiosa”, diz Mafá Nogueira, pai de uma aluna. Este pai se esquece do oposto da sua fala, que seria o fato de ele respeitar a prática de se levar às crianças a oportunidade do aprendizado da oração, independente de convencer a criança a professar qualquer religião.

Para resolver o problema, a escola vai convocar reuniões com pais, professores, funcionários e representantes da Secretaria de Educação. “Vamos discutir como a gente pode abordar a pluralidade e a diversidade sem agredir ninguém e que todos possam sair satisfeitos. Polêmicas à parte, devemos refletir a respeito do quanto ainda a humanidade não busca compreender boas ações e boas práticas. Independente da crença e da fé religiosa, a prece é instrumento universal e incontestável meio de nos ligarmos ao bem. A questão é que cada segmento religioso quer crer que suas preces e suas práticas são melhores e mais apropriadas do que a dos demais, o que naturalmente leva ao conflito, na crença de que ‘meu’ Deus é melhor do que o seu e outros que não têm Deus nenhum.”

O simples ato de ensinar crianças a orar gerou toda uma polêmica, pois ainda há muitos no mundo que não compreendem e nem aceitam a existência de Jesus como modelo e guia para o homem na Terra, ensinando que nos amássemos uns aos outros.

Valci Silva, Ação de prece – O Consolador – Nº 227 – 18/09/2011

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXVII)

Não é preciso orar pelos mortos no cemitério

Se aqui na Terra ao sentirmos saudade dos parentes que vivem em outros países nós telefonamos para eles “matando” a saudade, da mesma forma podemos também fazer em relação aos nossos entes queridos que vivem no mundo espiritual entrando em contacto com eles através da oração.

Para isso basta usarmos o “celular” do nosso pensamento, pois ao orarmos emitimos um fio luminoso impulsionado pelo sentimento de amor, que vai diretamente em direção aos Espíritos em quem nós pensamos. Portanto, a nossa oração pode ser feita em casa, no leito do hospital, na prisão, enfim, em qualquer lugar onde estivermos.

Pelo visto, não é preciso orar dentro do cemitério, mesmo porque muitos deles foram cremados e outros ainda sepultados debaixo das águas.

O que importa é que a nossa prece seja feita com sinceridade, pois se os nossos entes queridos já são felizes as nossas rogativas sinceras aumentarão ainda mais essa felicidade. E caso estejam sofrendo, como os Espíritos dos suicidas, as nossas orações têm o poder de aliviar os seus grandes sofrimentos espirituais.

Agora, se antes eu não ia ao cemitério no Dia de Finados, agora muito menos, depois de tomar conhecimento de uma mensagem enviada por um “morto” através do médium: (Chico Xavier).

O Espírito, cujo corpo foi enterrado no dia 2, relata o sufoco por que passou diante da grande perturbação do ambiente espiritual da necrópole.

Essa mensagem psicografada está no livro “Cartas e Crônicas” e é citada no capítulo “Finados” do livro de nossa autoria “O Que Ensina o Espiritismo”, ambos disponíveis no CEERJ, rua dos Inválidos, 182, tel.: 2224-1244, Rio de Janeiro.

Oremos então para eles dizendo:

“Jesus, rogo as Tuas bênçãos de luz para os meus entes queridos que vivem no mundo espiritual.

Que as minhas palavras e pensamentos dirigidos a eles, nesta prece, possam ajudá-los a fim de continuarem na vida espiritual trabalhando pelo bem onde estiverem.

Espero com resignação o momento de nos reunirmos de novo, pois sei que é temporária a nossa separação. Mas quando tiverem a Tua permissão, possam vir ao meu encontro para enxugar minhas lágrimas de saudade.

Assim seja!”

Gerson Simões Monteiro, Não é preciso orar pelos mortos no cemitério

– O Consolador – Nº 29 – 02/11/2007